

## **Carta da Terra**

### **É preciso cuidar da vida!!**

Vivemos um fenômeno que as gerações passadas não conheceram. A partir da Segunda Guerra Mundial, nós nos damos conta de que há armas de destruição em massa: as armas atômicas. Nos últimos anos criou-se o princípio da autodestruição. A utilização das armas nucleares, físicas; as armas químicas, biológicas, já construídas e estocadas, podem agravar profundamente a biosfera, e destruir a espécie humana.

Antes, podíamos fazer guerras. Havia agressões à natureza mas sempre tínhamos isso como pressuposto: que a vida continua, e que o planeta Terra é inesgotável. Hoje, esse pressuposto não é mais válido. Nós podemos nos autodestruir e podemos devastar profundamente a biosfera. Nós somos responsáveis pelo futuro humano, pela qualidade de vida do planeta. E a maioria da humanidade não tem consciência disso.

Na verdade, o problema central da humanidade, a nova radicalidade da consciência e também do projeto da tecnociência é isso. Qual é o futuro do planeta Terra? Qual é o futuro da humanidade? Em que medida cada saber, cada religião, cada pedagogia, cada projeto deve dar a sua colaboração para garantir o futuro de esperança a essa nave espacial única que temos, que é o planeta Terra e a humanidade. Então, nós devemos politicamente decidir que nós queremos viver e garantir um futuro porque, ao deixar as coisas como são, podemos conhecer o destino dos dinossauros. Essa é a nova consciência da humanidade e a Carta da Terra veio responder a isso.

Nós precisamos fazer uma revolução. Não será uma revolução política, mas mais básica do que a política, que é uma revolução ética. Isto é, quando falamos de ética, falamos dos comportamentos, falamos de alguns valores fundamentais que devemos realizar. E se não os realizamos, colocamos em risco a vida da espécie humana e a nossa própria vida. Colocamos em risco as bases físico-químicas, que sustentam a biosfera. E esses valores têm que ser fundados em algo muito evidente, que não precisa ser explicado, que imediatamente pode ser vivido, colocado em prática, porque o tempo urge, não temos muito tempo. E eu vejo que a base fundamental para sustentar uma ética humana é a ética do cuidado, a ética da compaixão, a ética da responsabilidade e a ética da solidariedade e cooperação. Esses quatro valores básicos são sustentados na essência mais fundamental, proto-primária do ser humano, porque a essência do ser humano, a base fundamental do ser humano, a última estrutura do ser humano, não é a razão; a última estrutura do ser humano é a fé, a sensibilidade, é amorosidade.

Para dizer uma palavra, o fundamento do ser humano reside no .Platos., palavra grega de onde vem simpatia, empatia. Nós viemos de uma tradição logocêntrica. O .logos. Dois grandes problemas obrigam a mudar a nossa forma de consumir, de produzir: a escassez de água potável, o bem mais escasso da natureza hoje, e a limitação da energia fóssil do petróleo, que já agora está colocando medo. Mas, mais do que tudo, a ameaça que pesa sobre a biosfera.

### **O tempo urge**

R. Cerro Corá, 550 . 2O andar . sala 22 - CEP 05061-100 . São Paulo. SP. Brasil Tel.: (011) 3021-5536 . Fax.: (011) 3021-5589

E-mail: ipf@paulofreire.org - Homepage: www.paulofreire.org

dos gregos e o .cogito. cartesiano estão na base da nossa civilização. Mas a razão não é tudo, porque existe algo mais fundamental do que a razão.

Descobrimos, por razões empíricas, que a inteligência é sempre inteligência emocional.

Daniel Golleman, no livro .Inteligência Emocional., com dados da tecnologia mais avançada que mede os movimentos dos neurônios no cérebro, diz que a primeira reação do ser humano é a reação para o afeto. Só depois, alguns segundos depois, entra em funcionamento a inteligência. Nós somos afetividade. Nós somos seres que estamos no mundo uns com os outros, intercambiando uma relação mais imediata, pura, sentindo a realidade e nos deixando afetar pela realidade. E a primeira reação de afeto do ser humano é a reação de cuidado, sem o qual a vida não sobrevive. Cuidado é uma relação amorosa com a realidade; uma relação que protege, que acolhe; não é uma relação de interesse, de agressão.

Há uma tradição filosófica que veio dos romanos, que não teve muita repercussão no Ocidente, mas que foi despertada com a crise ecológica, que define a essência do ser humano, não como razão, nem como criatividade, nem como liberdade; define a essência do ser humano como cuidado. Uma criança recém-nascida, deixada por algumas horas sozinha, sem cuidados, morre. O cuidado permite que a vida sobreviva, desabroche a inteligência, que venha à tona a palavra, que se exercite a criatividade.

Então, cuidado é aquela base fundamental, sem a qual a vida não se desenvolve.

Hoje, talvez, um dos crimes maiores da humanidade é que nós não cuidamos da vida das crianças, da vida dos idosos, dos ecossistemas; não cuidamos do lixo, da água, da qualidade dos alimentos, não cuidamos da saúde coletiva. Há um descuido generalizado. Então, resgatar o cuidado é resgatar a dimensão feminina do ser humano, que é da essência do feminino no homem e na mulher: proteger, cuidar.

Junto com o cuidado vem a compaixão, que é a grande colaboração que a tradição do Oriente, que a tradição do Budismo traz. A compaixão não é ter pena dos outros, como é a apreensão depreciativa, comum entre nós. Primeiro é respeitar o outro, não querer dominar o outro, que seja uma árvore, uma pedra, um animal, uma pessoa humana. Respeitar a alteridade, a diferença, não tocá-lo, considerá-lo algo sagrado.

Nós, logo, queremos dominar, submeter, apropriar, na lógica do interesse nosso. Em segundo lugar, a compaixão envolve voltar-se ao outro, para cuidar, para se responsabilizar, sofrer com ele, alegrar-se com ele, caminhar junto com ele, compartilhar. É a forma oriental de viver o cuidado. E a Carta da Terra, no seu primeiro princípio, diz exatamente isso: respeitar, cuidar da comunidade de vida...

Nós precisamos da compaixão porque vivemos num mundo cruel e sem piedade, que não tem a mínima compaixão com os co-iguais, que os deixa morrer de fome aos milhões e milhões; que não tem compaixão com o animal que sofre, com os ecossistemas que estão sendo degenerados e ameaçados. Não temos compaixão com a comunidade de vida. Nós não somos os únicos seres vivos. Somos um elo da imensa corrente de vida. Nós ocupamos 83% do planeta, como espécie, e ameaçamos todas as demais.

## **Cuidado e compaixão**

R. Cerro Corá, 550 . 2º andar . sala 22 - CEP 05061-100 . São Paulo. SP. Brasil

Tel.: (011) 3021-5536 . Fax.: (011) 3021-5589

E-mail: [ipf@paulofreire.org](mailto:ipf@paulofreire.org) - Homepage: [www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org)

O terceiro grande valor é a cooperação. Se nós não cooperarmos entre nós, se não fizermos uma aliança para cuidar da Terra e de cada um de nós, nós podemos nos destruir. Na cooperação reavemos o valor ético que depende da boa vontade das pessoas.

Nós sabemos, a partir da Física Quântica, da nova cosmologia, que a lei mais universal do universo não é aquela de Darwin, que ele estudou só no mundo dos seres vivos, que é a competição com a vitória dos mais fortes; não é essa. A lei mais universal do universo, inclusive o universo pré-vivo, é a cooperação de todos com todos, porque o que de fato existe é a rede de relações. O universo não é feito com a soma de todos os seres que existem, reais e virtuais. Ele é feito pela rede das relações, de todos com todos. Por isso dizia Niels Bohr, formulador da Física Quântica, continuamente repetido por Werner Heisenberg, que tudo tem a ver com tudo, em todos os pontos, em todas as circunstâncias. E se os seres existem hoje é porque todos cooperaram uns com os outros, desde os elementos primordiais: elétrons, nêutrons, neutrinos, que formam campos de energia, interagindo, fazendo com que todos coexistam.

Por isso a cooperação, a solidariedade, é um fator cósmico fundamental. Quando chega ao nível humano, nós queremos transformar esta cooperação na decisão do nosso projeto de vida, pessoal e coletivo. Que a cooperação, a solidariedade, governem as relações. Nós só existimos porque, quando, ao sermos gerados, podemos contar com a cooperação, com o amor incondicional de nossa mãe que nos acolheu, porque ela podia nos ter deixado. Nós somos frutos da cooperação. Os antropólogos dizem que nós damos um salto da animalidade para a humanidade quando os nossos ancestrais saíam à caça e não comiam individualmente o fruto da sua caça e traziam e colocavam em comum, comunitariamente sua coleta de produtos. Desta cooperação nasceu a linguagem, a sociedade humana. Damos o salto na direção da nossa humanidade e de nossa responsabilidade.

Ser responsável é dar-se conta das conseqüências de nossos atos. Hoje nossos atos podem ter como conseqüência a produção de feridas fantásticas na biosfera, e algumas delas, irrecuperáveis. E nós precisamos medir a conseqüência de nossos atos.

A Carta da Terra diz que a melhor medida é a prevenção. E quando nós não conhecemos os efeitos, utilizemos sempre a prudência, nunca nos aventuremos.

Então, ao princípio da autodestruição, que já foi criado, devemos opor o princípio da corresponsabilidade coletiva, da inteira humanidade. E permaneceremos juntos, como família humana. Que ela não se bifurque entre aqueles que comem e aqueles que não comem; aqueles que podem sobreviver até os 130 anos utilizando a biotecnologia e a capacidade de viver em nossas terras, e os outros deixados à margem. Manter a família humana unida e comparecermos unidos, Terra e humanidade, diante do futuro.

E desta vez não na Arca de Noé que salve alguns e deixa perecer os outros. Ou nos salvamos todos, ou nos perdemos. Nós não temos outra casa para morar coletivamente senão esta, o planeta Terra. Então temos que nos responsabilizar por ela, e assumir uma ética da permanente responsabilidade.

### **Somos frutos da cooperação Responsabilidade coletiva**

R. Cerro Corá, 550 . 2O andar . sala 22 - CEP 05061-100 . São Paulo . SP . Br asil

Tel.: (011) 3021-5536 . Fax.: (011) 3021-5589

E-mail: ipf@paulofreire.org - Homepage: www.paulofreire.org

Não precisamos chamar professores para nos explicar que uma criança não deve pisar numa casca de banana, que deve tratar bem seus cadernos e sua sacola, que deve cuidar quando atravessa uma rua. Ela sabe, está ligado ao instinto. Nós temos que transformar isto, hoje, no conteúdo da consciência, num método pedagógico, num processo político, uma lição, uma revolução molecular, que começamos fazer a partir de nós mesmos, até a grande revolução. Então, a revolução hoje, é para conservar, porque se nós não conservamos, não tem sentido nenhum outro projeto. Todos eles supõem a vida, supõem a humanidade, supõem a existência do nosso planeta.

Termino com este apelo da Carta da Terra: .que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso vivo de alcançar a sustentabilidade, da intensificação da luta pela justiça e pela paz, pela leve celebração da vida..

Em 1992, no Rio de Janeiro, foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, também chamada de Cúpula da Terra.. Além da Conferência oficial patrocinada pela ONU, ocorreu, paralelamente, o Fórum Global 92, promovido pelas entidades da Sociedade Civil. Neste Fórum foi elaborada a primeira minuta da Carta da Terra, conclamando a todos os participantes para que adotassem o seu espírito e os seus princípios, em nível individual e social e através das ações concretas das ONGs signatárias.

A Carta da Terra constitui-se num código de ética global por um desenvolvimento sustentável que propõe mudanças em nossas atitudes, valores e estilos de vida, a partir de três princípios interdependentes: os valores que regem a vida dos indivíduos; a comunidade de interesses entre Estados; e a definição dos princípios de um desenvolvimento sustentável. Ela propõe uma ética global para um mundo global e apresenta princípios básicos que deverão reger o comportamento da economia e do meio ambiente, por parte dos povos e nações, para assegurar .nosso futuro comum.. (O documento completo da Carta da Terra pode ser acessado no site:

[www.earthcharter.org](http://www.earthcharter.org).)

Fala de Leonardo Boff, proferida no III Fórum Social Mundial, durante o seminário promovido pelo Instituto Paulo Freire sobre a CARTA DA TERRA: um consenso mínimo entre os humanos, no dia 24 de janeiro de 2003. Além de Leonardo Boff, o seminário contou também com a presença de Moacir Gadotti, Mohit Mukherjee, José Eustáquio Romão, Marliese Esteves, Danilo Streck e Moema Viezzer.

## **Um consenso mínimo entre os cidadãos**

Princípios resumidos na Carta da Terra:

1. Respeitar a Terra e a vida em toda a sua diversidade.
2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.
3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.
4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.
5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.
6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.
7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.
8. Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido.
9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.
10. Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.
11. Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas.
12. Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a viver em ambiente natural e social capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.
13. Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões e acesso à justiça.
14. Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.
15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.
16. Promover uma cultura de tolerância, não-violência e paz.